

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

_____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens, em 03 de junho de 1948. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 12 de fevereiro de 1949. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, 11 junho de 1948. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 1º de março de 1950. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 3 de março de 1954. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 14 de dezembro de 1969. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 01 de Abril de 1970. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 03 de junho de 1970. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 04 de maio de 1984. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 28 de fevereiro de 1987. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

ANDRADE; Oswald. *O Santeiro do mangue e outros poemas*. São Paulo. Ed. Globo, 1991.

_____. *Primeiro caderno de poesias do aluno Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006

ALPHONSUS, João. *Rola Moça*. 2. Ed. Rio de Janeiro e Brasília: Imago e INL, 1976.

_____. *Contos e Novelas*, Rio de Janeiro e Brasília: Imago Editora e INL, 1976.

ANJOS, Augusto dos. *Toda a Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

AVILA, Afonso. *O poeta e a consciência crítica*. Petrópolis: Vozes, 1969.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. 4.ed. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Edição bilíngüe. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BILAC, Olavo. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1965.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff casa editorial, 2007.

_____. *Correspondência de Alphonsus de Guimaraens*, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

CAMPOS, Augusto de. *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CAMPOS, Haroldo de. *Ruptura dos gêneros na Literatura latino-americana*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. Do Romantismo ao Simbolismo*. São Paulo:Difel, 1976.

CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.), *Dandismo e simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro e Brasília: Livros técnicos e científicos e INL, 1980.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil vol.4*. São Paulo. Global, 2002.

_____. *Canções sem metro. Obras de Raul Pompéia, v. 4*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

CRISPIM, Antônio (Carlos Drummond de Andrade). João Ventania um dos lados de Alphonsus de Guimaraens. *Leitura*, Rio de Janeiro: ano 16, nº7, p.25-33, janeiro 1958.

FERREIRA, Renato. FILHO, Oscar Maron (org.). FILHO, Mário, RODRIGUES, Nelson. *FLA-FLU... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Edição Europa, 1987.

GUIMARAENS; Alphonsus de. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960.

_____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

_____. Carta a Mário de Andrade 24 de agosto de 1919, Arquivo Mario de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CP, nº3581.

_____. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 14 de dezembro de 1940. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801-1-2-3.

_____. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 21 de setembro de 1941. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801-6.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura e INL, 1959.

GUIMARAENS, Domingos. *A gema do sol*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2006

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Mário de Andrade, em 3 de julho de 1940. Arquivo Mario de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CP, nº3583.

_____. Carta a Mário de Andrade, em 07 de junho de 1948. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

_____. Carta a Mário de Andrade, em 30 de novembro de 1944. Arquivo Mario de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CP, nº3599.

_____. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 30 de março de 1950. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801.

_____. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 05 de março de 1954. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801.

_____. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 14 de outubro de 1954. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801

_____; *Itinerários*, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

_____. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995

LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa: o negro branco*. São Paulo: Brasilense, 2003.

LIMA, Jorge de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, V.2 .

LISBOA, Henriqueta. *Alphonsus de Guimaraens*, coleção nossos grandes mortos Belo Horizonte: Livraria Agir Editora, 1945.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 2000.

_____. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 14 de junho de 1950. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

MORAES, Marcos Antonio de. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2000.

MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987, v.1.

NIETZSCHE, Friederich. *Genealogia da moral - uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. Rio de Janeiro e São Paulo: Perspectiva, 1979.

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PEDERNEIRAS, Mário. *Poesia Reunida*. Antonio Carlos Secchin (org.). Rio de Janeiro: Editora ABL, 2004.

SARLO, Beatriz, *Tempo Passado*. São Paulo e Minas Gerais: Companhia das Letras e Editora UFMG, 2007.

SOUSA, Cruz. *Obra completa* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961.

TELES, Gilberto Mendonça. Do polichinelo ao arlequim in *A escrituração da escrita*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RICIERI, Francine. A poesia do final do XIX: a constituição do leitor <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/16/778.pdf>

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

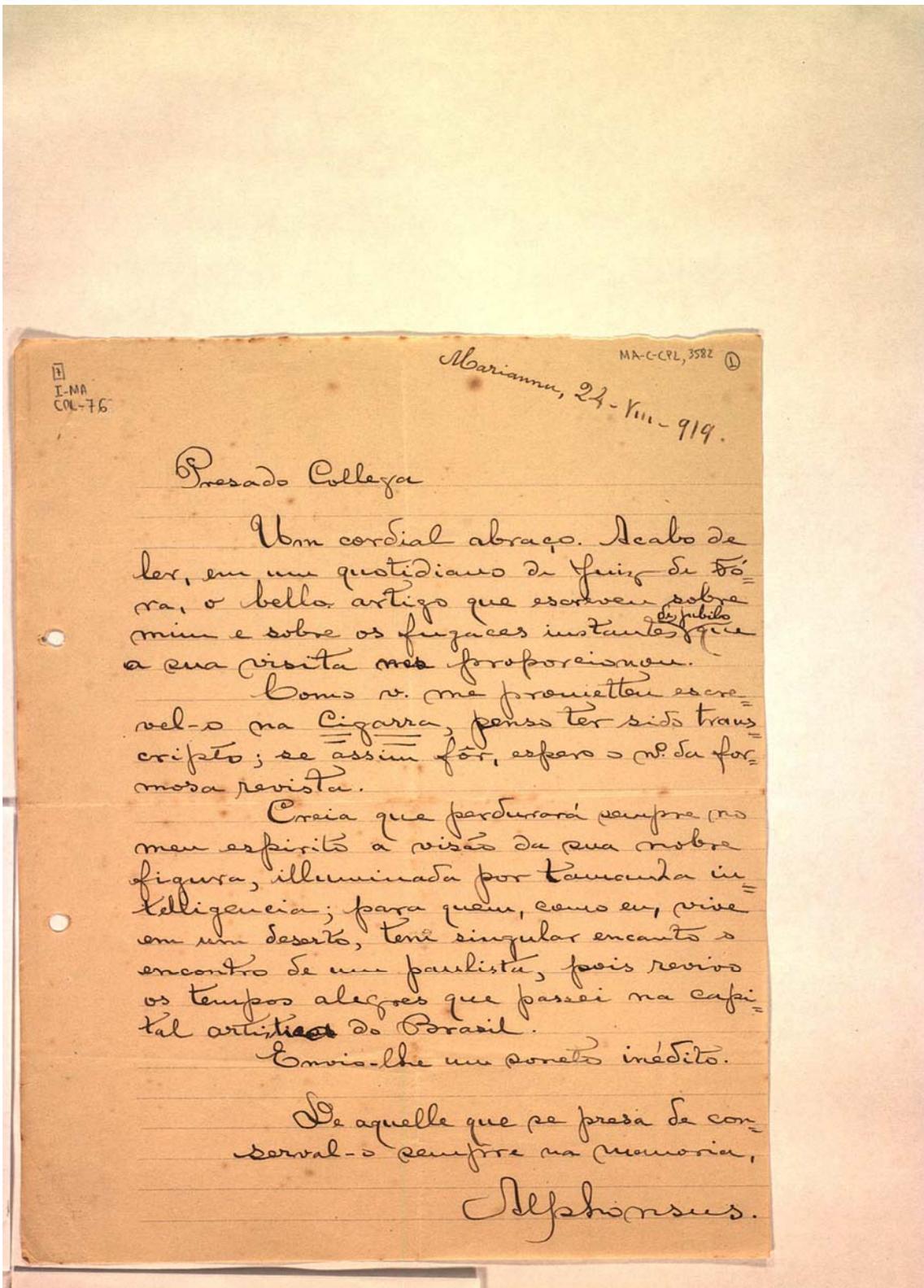
WILLER, Cláudio. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag27willer.htm> acesso em 29/11/2008

WILSON, Edmund *O castelo de Axel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

10. Anexos (correspondência inédita)

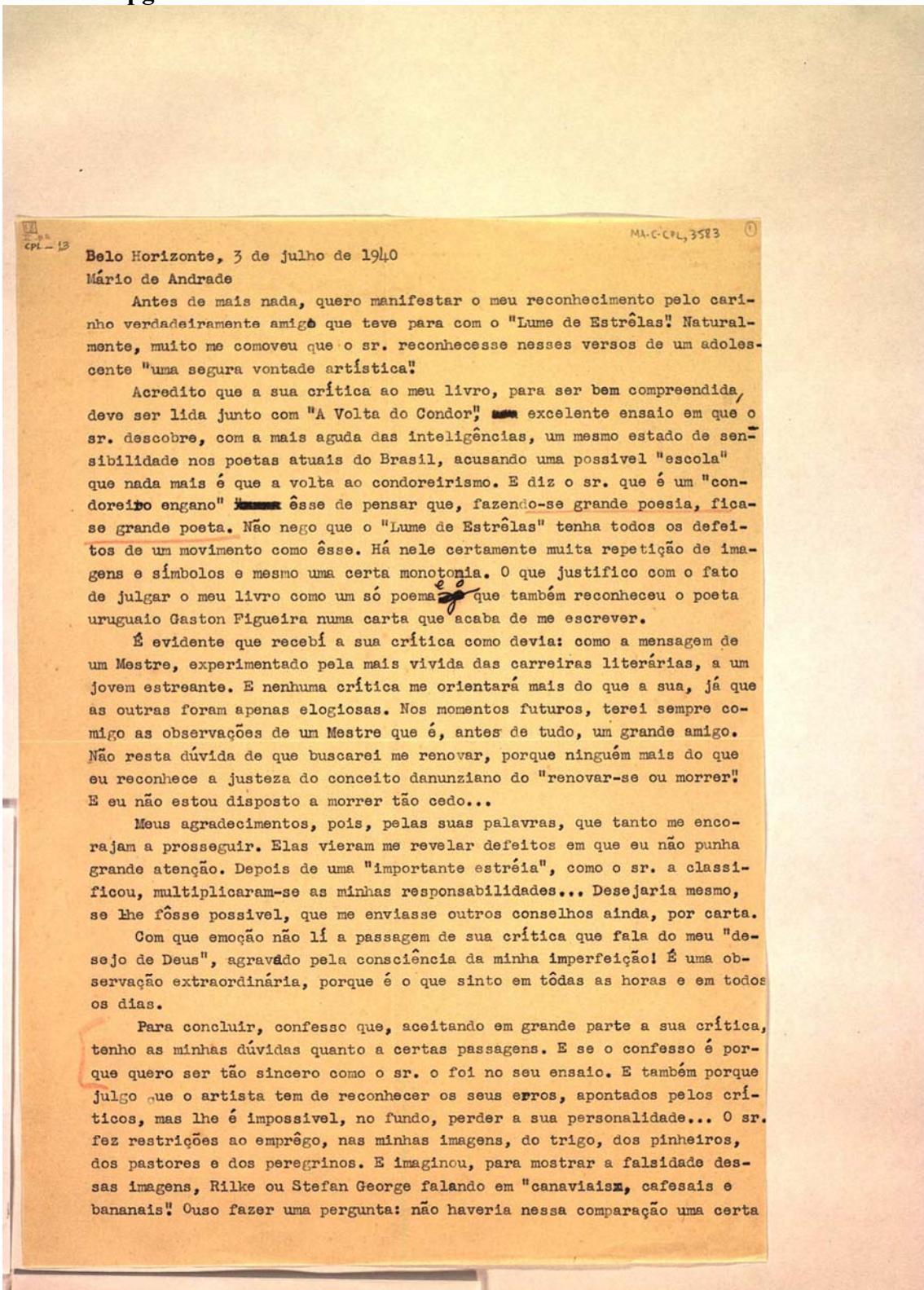
CARTA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS A MÁRIO DE ANDRADE

24.08.1919



Cartas de Alphonsus de Guimaraens Filho a Mário de Andrade

03.07.1940 pg.1



pg.2

2

MA-C-CP1, 3-573

inexatidão? Não ~~seria~~ seria -arrisco mesmo- muito menos universal o fato de Rilke ou Stefan George utilizarem na sua poética dos canaviais, cafezais ou bananais, que ~~um~~ um poeta brasileiro do trigo, dos pinheiros, dos pastores e dos peregrinos? Escolho, por exemplo, no que se refere a meu caso, a palavra "pastor". Julgo mesmo o cúmulo trazer os pastores à poesia, com um indistigável aspecto de árcade... Mas quero lembrar ao sr. que há apenas uma imagem ~~no~~ no "Lume" em que entra a palavra "pastor":

"Sigo como quem vai alcançar as estrélas,

Como um doce pastor das ovelhas do luar"

Não lhe parece justificabilíssima a imagem e, mesmo, pouco terrena?

Após essas observações, sem grande importância, afirmo-lhe novamente, Mestre Mário, o meu entusiasmo pela sua crítica. E lhe ofereço, com a minha velha admiração, a afetuosa amizade de

Dephonsus de Guimarães Filho

Rua Tomé de Souza, 56

30.11.1944 pg.1

31
201-109

Belo Horizonte, 30 de novembro de 1944

MA-C-CP, 3559 ①

Meu caro Mário

Fui ao Rio passar alguns dias e levar a Hymirene e o Afonso Henriques para o convívio dos parentes. Levei sua carta para responder de lá, mas... jacaré respondeu? como você pergunta com tanta graça no "Macunaima". Nem eu. ~~Mas~~ Não foi por falta de vontade. Foi até por excesso. ~~Mas~~ Aconteceu uma coisa ^{curiosa}. Ao descer no Rio (pela primeira vez tive coragem de topar um avião) revistaram minha mala e sua carta foi apreendida. Contra todos os meus argumentos. Consequência: só três dias depois é que me devolveram, na posta restante. O envelope todo carimbado: Aberta pela censura. Durante vários dias pensei em respondê-la. Mas eu estava descansando, seu Mário, e não escrevi ~~patavina!~~ Passei, isto sim. Estive muito com o Manuel, que me pareceu muito bem disposto. Com todos os cidadãos que você imaginar. E como o Rio não permite que se faça muita coisa ao mesmo tempo, tive de me limitar aos encontros e bate-papos.

Mas desde lá estava para lhe agradecer as palavras sobre os "Sonetos da Ausência". Gostei de ver que você gostou do livro, com poucas reservas. Os dois "fans" que eu conseguí para os sonetos (você e o Manuel) já me parecem justificar plenamente a necessidade de publicar o livro. Seu conselho de publicação encontrou ressonância. Aliás, eu penso sempre ^{que} editá-los, tanto que você mesmo já levou meu pedido de orçamento à Martins. E é sobre isto que precisamos conversar. Minha viagem ao Rio foi proveitosa. Conversando na Livraria do Globo (onde o Manuel elogiou meus versos) notei logo ambiente favorabilíssimo. O Chico Barbosa (que também trabalha lá) me apresentou ao Maurício Rosenblat, a quem o Pascoal Carlos Magno já escrevera (segundo me disse o Pascoal) sobre a publicação de um livro meu. A Globo topou editar num só volume os "Sonetos" e o "Nostalgia dos Anjos" (que encerra meus melhores poemas de 40 para cá). Tudo sem onus para mim, o que é o principal. Recebendo ainda os direitos autorais. Com semelhante proposta, eu não podia recuar, não é, Mário? Topei a coisa e agora lhe escrevo pedindo para suspender o pedido feito à Martins, ~~mas~~ Você, se julgar necessário, poderá explicar o motivo ao Martins, mas creio que não será preciso, por se tratar apenas de um simples pedido de orçamento. Quero um grande favor: que você me remeta os Sonetos o mais depressa possível. Eu poderia datilografar os que tenho aqui, mas não quero enviar os Sonetos senão me guiando pelos que estão com você e ^{que} trazem as suas anotações à margem. Tenho certeza de que essas anotações me se-

pg.2

2

MA-C-CP, 3579

2

rão muito úteis. Até hoje, tudo quanto você me disse me tem auxiliado muitíssimo. E é claro que eu lhe sou grato.

É grato sou ao Manuel pelo interesse que tem demonstrado por mim. Conversá-mos muito lá no Rio. Ele agora está instalado num apartamento excelente, na Avenida Beira-mar. Levei-o a Andaraí (aliás, convidei-o, pois ele foi lá, com o Ovalle) para conhecer o terceiro Alphonsus. Sei que a palavra dele na Globo é que produziu essa transformação que até me assustou. Eu que ~~me~~ nem perguntaria a nenhum editor se desejaria editar meus versos, de graça!... Quanto mais pagando os direitos autorais...

De maneira que está resolvida a questão. Meu ineditismo post-Lume vai terminar, e da maneira mais honrosa... Tenho certeza de que você também ficará satisfeito.

Ainda não sei se poderei comparecer ao Congresso de Escritores. Se puder, será formidável, principalmente porque poderemos conversar e certamente eu conhecerei a casa da rua Lopes Chaves.

Quanto ao que ^{você} disse sobre as poesias do mano, conversaremos depois, com mais calma. Você compreende com impressionante lucidez o que são esses problemas ~~famí~~ de família. Há uma certa inibição por parte da gente. ~~Mano~~

Mando-lhe, Mário, meu abraço mais afetuoso, com o desejo de vê-lo em breve.

Seu amigo fiel,

Alphonsus Filho

**CARTA DE MURILO MENDES A ALPHONSUS DE GUIMARAENS
FILHO**

14.06.1950 pg.1

Rio, 14.VI.1950.

Meu caro Alphonsus,

Venho pôr minha vida em dia com você: antes do mais, aceite minhas desculpas. Sua carta, capeando "O Irmão", chegou com atraso às minhas mãos: todos os anos me acontecem coisas assim, quando saio no verão. Mas evidentemente há muito lhe poderia ter escrito: não o fiz, pelo que se segue.

Fiquei sabendo que você esteve aqui em novembro e me procurou pelo telefone. Foi pena, porque dei apenas uma fugida rápida a J. det., nesse mês e voltei logo. Muito grato por ter me trazido o livrinho do Adalmir. Quando passei em B. H., em fevereiro, perguntei logo por você: estava ausente, creio que no Espírito Santo. Andamos mesmo buscando de pique

pg.2

2) Em Ono Preto deu-me a louca, e não pude escrever mais nada a não ser poesia e em torno de Ono Preto. Comecei a trabalhar no poema "Contemplaçãõ de Alphonsus", que faz parte do livro. Poema longo, difícil, que me absorveu completamente durante semanas e semanas. Poema que tende ao decassilabo. Tive que quebrei-me do poema, reli de novo a obra do grande poeta, e vim para o Rio (no dia em que você chegava aí!...) com o poema no sangue e no espírito. Senti uma total inibição de me comunicar com você antes de terminá-lo: você na certa compreenderá bem isto. Há dias após ~~enfiar~~, a esse texto, a grande palavra "fim". Cortei muitos versos, rodei muitos, e cheguei a um texto que comporta 430 versos! Cuido ser a coisa mais importante que escrevi até hoje. Não lhe mando uma cópia,

pg.3

(3)
 porque tenho a esperança de
 poder lê-lo a você e mais
 a 3 ou 4 amigos, muito breve
 pois penso desenganatar essa
 famosa viagem a Diamantina,
 talvez ainda no fim
 deste mês, faltando 2 dias em
 B.H. O nosso caro A. Joaquim
 vai se encarregar disto. Quem
 sabe você poderia vir conosco?...
 Seria ótimo!

"Agora é tempo
 de falar n' O. Truão". Você
 certamente avaliará bem a
 emoção que tive ao ler de
 um só golpe, esse texto notá-
 vel. Dupla emoção, ao ver
 você seguir um caminho
 que já tentei, e cujas difícil-
 dades conheço bem. Recontei
 o poeta de sempre, transpondo
 sua experiência a um plano
 mais elevado. É um livro cuja
 importância, por motivos óbvios,
 não poderia ser bem avaliada
 agora: é um livro para o
futuro.

pg.4

4)
 fiquei particularmente
 comovido ao ver o nome
 dos 3 poetas amigos entrelaçados
 em torno da palavra do
 Cristo, nesse admirável
 texto "Cego que conduzem
 o cego".

Então, meu
 caro e glorioso, despeço-me
 por agora, rogando = me trans-
 mita a Glymiene e me dê
 as nossas afetuosas saudações,
 lembranças a você, e saúde.

Abraça = o frater-
 nalmente o amigo de
 sempre. Muito.

**CARTAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
A ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO**

23.11.1943



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
GABINETE DO MINISTRO

Meu caro Alphonsus:

Aqui está sua carta amiga
e, com ela, o recorte do artigo
em que V. teve a bondade de
referir-se a este seu companheiro
mais velho. Mando-lhe o melhor
abraço de agradecimento,
com o desejo de um encontro pessoal
logo que possível.

Seu

Carlos

Rio, 23. XI. 43

03.06.1948

Rio, 3 junho 1948.

Meu caro Alphonsus:

Estou grato às boas palavras de sua carta. E quero felicitar você e sua senhora pelo nascimento de Luís Alphonsus. Que ele cresça tranquilo e sadio, e mantenha com lustre a herança poética dos Guimaraens - é o meu voto natural e sincero.

Receba o abraço afetuoso do seu velho companheiro

Caetano de Almeida

*P.S. Carkius pensando no seu pai
seria uma reedição das Obras Completas
de seu Pai. Com todas as poesias que ele
deixou. Tem cuidado de quê?*

CD

11.06.1948 pg.1

Rio, 11 junho 1948

Alphonsus:

Não procurei o José Olympio para tratar da reedição das poesias de seu Pai, porque, em conversa com êle, ùltima - mente, tenho notado um grande pessimismo sôbre o estado do negócio de edições. Acredito que êle se interessasse pelo assunto, mas não sei se poderia dar-me resposta satisfatória, e sobretudo resposta rápida. Ocorreu-me outra solução: o Instituto Nacional do Livro, que tem por obrigação publicar obras dessa natureza, e ainda em 45 nos deu as poesias de Cruz e Sousa. Falei, pois, ao Augusto Meyer, e êste manifestou entusiasmo pela idéia. O Instituto dispõe-se a fazer a edição, nas condições que ajustar com a família. (Lembrei ao Meyer que talvez se pudesse adotar a praxe comercial dos 10% sobre o preço de capa; se êste é um negócio bom para particulares, não causará dano ao Estado, que tem apenas a preocupação de não gastar improdutivamente.) O Meyer deseja o seguinte: Que v. lhe escreva uma carta propondo pormenorizadamente o negócio. Ele informará, levando o papel à autorização do Ministro. Tratando-se de obra que fica bem dentro do programa editorial do Instituto, é de crer que não haja embaraços, salvo os de certa lentidão burócrática, irremediável. Na carta, assinale os acréscimos feitos à edição original, em poesias e em notas. Pode mandá-la diretamente ou, se preferir,

pg.2

2

por meu intermédio. Claro que v. tem liberdade de propor ou sugerir condições, caso não lhe pareça conveniente a que eu lembrei na conversa com o Meyer. Meu desejo único é ver de novo em circulação as Poesias do grande Alphonsus, cuja figura vai crescendo enquanto minquam as glórias oficiais do tempo dele.

A sua disposição, pois, para tocar o assunto para a frente, manda -lhe um abraço cordial o

Carlos Drummond

01.03.1950

Rio , 1 março 1950.

Alphonsus:

Estou demorando a acusar recebimento de seu livro, mas não demorei a afundar na poesia dele. Sua atmosfera é das que nos impregnam mais rapidamente. O tom sempre alto, o sentimento do mistério profundo da existência, a inclinação para o conhecimento místico fazem com que seus poemas sejam quase sempre fugas admiráveis da realidade imediata. Quando você identifica, na sombra de uma capela

Esta paz quase eterna...

ou quando descobrem si mesmo

... a saudade de um sol que não aquece

sentimos que transformou o seu momento cotidiano em algo de duradouro e indiferente ao tempo. Sua poesia é nostalgia e aspiração de lugares celestes. A vida fica sendo um transito, e esse trânsito, você o povoa de imagens antigas e futuras. Daí a força sugestiva de seus versos. Muitos deles me ficarão guardados na lembrança, como visões de um mundo que raramente pressentimos.

Agradeço-lhe muito a oferta de um exemplar de "O Irmão". E as poesias completas de seu pai? Fiz há tempos um projeto de projeto e de justificação de projeto, para um deputado apresentar... Depois, não soube de nada. Meu Deus, como é longo! Enfim, nossos netos saberão.

Um abraço amigo do seu

Carly

14.12.1969 pg.1

Rio, 14 dezembro 1969.

Meu caro Alphonsus:

Af vai mais alguma coisa recolhida de A Vida de Minas (não confundir com Vida de Minas, revista que a precedeu), para a bibliografia de seu Pai. Não são achados importantes, mas em matéria bibliográfica ^{até} uma cabeça de alfinete vale ... Separei as anotações em dois grupos: poesias que constam da edição Aguilar, e poesias não incluídas nela. Com estas últimas, algumas de autoria a estabelecer. Serão de Alphonsus os versos sob a assinatura de J. Gomes? Parece-me que sim, já pelo teor humorístico já pela aproximação com o pseudônimo Jovelino Gomes, que figura em Aguilar, 583 (aliás, nome de um contemporâneo do poeta, como você assinalou). L. Whisk e L. Whisky lembram Whisky (Aguilar, 559). Finalmente, há duas quadras sem assinatura, publicadas no mesmo número em que saíram várias outras de Guy, que me inclino a atribuir a Alphonsus, principalmente a segunda: "Miro a lua e não estanco...". Tudo isso será examinado por você, que, melhor do que ninguém, julgará, decidindo o que vale a pena registrar dessas coisas. Também de Guy d'Alvim, em prosa, achei na mesma revista: Em 15.X.1915, "Bode expiatorio" e "O Sr. Barbosa Lima"; em 15.I.1916, "Lupus et agnus"; em 1.II.1916, "Feiticeiros"; em 15.II.1916, "Onde se prova que a troca de uma letra pôde ocasionar uma sóva de marmelleiro".

E como o velho Bernardo também nos interessa, consigno o que A Vida de Minas publicou d'ele: Em 15.VII.1915, "Traga já este almoço / moço"; em 15.VIII.1915, "Hoje a casaca enverguei"; em 15.VII.1916, "Quando o velho canario solta o canto". Poesia de improviso, em que o velho era cobra.

Continue cobrando ao Aguilar e ao Afrânio Coutinho uma nova edição da Obra Completa. Não é admissível que o livro, praticamente esgotado, permaneça ^{intelecto} aos leitores.

E feliz Natal, felizes festas para você, Hymirene e o povinho: votos meus e de Dolores. O abraço sempre saudoso do

Carly

Vou enviar ao Correio Diário, a agradecer - Me a remessa da tese. Sou um
 corvo por dentro muito irregular. Sabe até em vez de uma cabeça de alfinete... C.

pg.2

I

POESIAS CONSTANTES DA EDIÇÃO AGUILAR, PUBLICADAS EM A VIDA DE MINAS

1. Pensei que viesses do norte (Aguilar, XXII, 204)

1.II.1916. Assinado Guy. Com a variante registrada na nota 56 da edição Simões, que figura como 55 na pág. 691 de Aguilar.
2. Quando os teus olhos me olharam (Aguilar, XXVII, 511)

1.II.1916. Assinado Guy. Só os oito primeiros versos. Var. do v. 4: "Ai quantos".
3. Nossa Senhora das Dores (Aguilar, XXVII, 512/513)

1.II.1916. Oito versos. Var. do v. 6: "filho" .
4. Tu não sabes porque a lua (Aguilar, XXVII, 512)

1.II.1916. Assinado Guy.
5. Tristeza das tardes ermas (Aguilar, XXVII, 513)

1.II.1916. Assinado Guy.
6. Ao encontrar esta lousa (Aguilar, XXVII, 513)

1.II.1916. Assinado Guy . Var. do v.4: "Mais Antero do Quen - tal..."
7. Brandos violões da lua cheia (Aguilar, XLVIII, 242 e 697)

15.II.1916. Título: "Ha vinte annos". Vars.: V. 1, "lua-cheia"; V. 2, "além !" V. 3: "vagueia". V. 4: "tem...". V. 12: "á branda".

(Esqueci-me de anotar as assinaturas - ou falta de - nas poesias 3 e 6. E não está mais comigo a coleção da revista.)

pg.3

II

A VIDUA DE MINAS (Belo Horizonte)

A um candidato catholico

De terço na mão resando,
 Vejo um doutor venerando.
 Logo (sabem que não minto)
 Reconheço o doutor Pinto.
 - Tu não me enganas, murmuro.
 E já d'aqui te esconjuro,
 Pois eu bem sei que és devoto,
 Mas somente do meu voto.

J. Gomes

15.X.1915

Que me queiras, doce amada,
 Eu tenho tanta esperança !
 Minh'alma está socegada...
Quem espera sempre alcança.

Foi-se o inverno, foi-se o estio,
 Já se vae a primavera.
 Teu logar está vasio...
Quem espera desespera.

J. Gomes

15.X.1915

E bella como ella só.
 Tem o cabelo tão louro !
 Mas é pobre como Job...
Nem tudo que luz é ouro.

J. Gomes

15.X.1915

A Senhora dos Remedios
 Eu pedi consolação:
 - Vem curar-me dos meus tedios...
 São maguas do coração !

~~15.X.1916~~~~15.X.1916~~

pg.4

2

- Para taes maguas, remedios
 Não ha nem consolação.
 Não posso curar-te os tedios...
 São maguas do coração !

Guy

15.I.1916

Oh lirio albente dos valles,
 Oh rosa de Jericó !
 As flôres tem um só calix:
 Tu tens uma bocca só...

E nessa bocca os meus beijos,
 Ruflando as azas de luar,
 Ensaiarão os adejos
 Das aves que vão amar...

Guy

15.I.1916

Senhora, como padeço
 Ninguém jamais padeceu...
 Os degraus da magia desço... x
 Tristezas do fado meu !

O teu sorriso tem cheiro
 Como o calix de uma flôr.
 Vem poisar neste salgueiro,
 Rouxinol do meu amor !

Guy

15.I.1916

De Adão a incrível ventura
 Ninguém neste mundo logra.
 Foi a unica creatura
 Que viveu na terra impura
 sem ter sogra.

L. Whisk

15.II.1916

pg.5

3

Não sei que desgraça a minha...
 Ando tão triste, tão triste !
 Estou da morte tão perto !
 Foi o diabo da vizinha
 Que me enfiou o olhar em riste
 Pelo peito descoberto.

Pois o olhar lançado a esmo
 Por uma mulher amada,
 Fere o peito, fere mesmo,
 Assim como uma facada
 Que se desse num torresmo.

L. Whisky

15.II.1916

Oh excelso Paulo Verlaine,
 Oh sublime Antonio Nobre,
 Tereis sempre um lausperenne
 De todo aquelle que pene,
 de todo aquelle que é pobre.

Guy

15.II.1916

Recuerdo

Como um eterno recuerdo
 Que o coração me descubra,
 A lapella uma flor rubra
 Prendo aqui do lado esquerdo.

E de tal maneira a prendo
 Que, si de longe avistares,
 Julgarás com os teus olhares
 Que o peito em sangue estás vendo.

Guy

15.II.1916

pg.6

4

Para esquecer minha magua
Bebi tanto paraty,
Que por ti virei pau d'agua,
Rindo, rindo para ti !

L. Whisky

15.II.1916

As portas do ceu, batendo,
uma mulher tentadora,
S. Pedro abriu-lh'as dizendo:
"Pode entrar, minha senhora !"

(Sem assinatura)

15.II.1916

Mira a lua e não estanco
O sangue da minha dôr,
Pois a lua é o caixão branco
Onde dorme o meu amor.

(Sem assinatura)

15.II.1916

01.04.1970

Rio, 1 de abril de 1970.

Meu caro Alphonsus:

Você é o mais escrupuloso dos "editores". Disso eu já sabia e vejo agora confirmado pela consulta que me faz em sua carta. Na minha opinião, o mais certo é continuar a inserir no corpo da Obra, seção "Versos Humorísticos", o soneto de Jovelino Gomes, e esclarecer a mudança de "me amas" por "m'amas" através da nota nº 2. A falta de manuscrito original, o texto impresso do jornal tem validade plena.

O trabalho que você ^{fez} para a primeira edição Aguilar é primoroso, e ainda mais o será com as novas anotações, feitas com tanto esmero e probidade. Seria ótimo se a esse esforço correspondesse um bom acréscimo da bibliografia, abrangendo críticas publicadas após 1960 e ainda o que estará disperso por aí, em velhos jornais e revistas. Será que o nosso Gravatá tem pesquisas frutuosas nesse ramo?

Você nada tem que agradecer, homem de Deus. A verdade é que eu sinto prazer toda vez que encontro alguma coisa do Poeta em minhas leituras de periódicos de outros tempos. E Alphonsus é das minhas mais antigas adorações. Coisa de mais de 50 anos... Isso fica dentro da gente.

Nossas recomendações à patroa, e para você o abraço
amigo do

Carly

28.02.1987

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro, 1987.

A distinta família Alvimar de Guimarães, a família, querido, o cumã nel convite para assistir à inauguração do Museu do moldador do Poeta. Bem que gostaria de estar presente à cerimônia, pelo muito que a minha vida espiritual está ligada à poesia de Alvimar. Infe-

lizmente, um tratamento cardíaco riposo me impede de viajar. Mesmo de Impe, pois, estou atento a esse ato de justiça e memória do nome mais simbólico.

Com o mais carinho,

Carlos Drummond de Andrade

temperamento nervoso e dispersivo, de tal modo, que odio os prismas pelo horror à exactidão mecânica das reproduções e detesto os cronómetros "Gondolo" pelo terror à hora certa.

Já vêes que me embarracavam dificuldades insuperáveis para ascender à genuína das tuas interrogações, e entre aquelas não são as menores o Método e o Alarrabão, sem os quais, reconheço, nada de mérito se pode fazer em questões de alta literatura.

Entretanto, não me quero furtar ao teu honroso convite, que me veio surpreender nesta minha solitária vida de hoje, tão preciosamente repartida entre as cansativas atribuições do ganho-pão de todo o dia e o carnoso consolo da Família.

E poupo assim à Posteridade o trabalho dos rebuscamentos históricos sobre a minha formação literária e sobre os méritos que me possam proporcionar a homenagem de uma herma na quietação bucolica das alamedas do Passeio.

Tem paciência e ouve-me. Pouco antes de 1890 eu ainda chorava amores traidos e desventuras sentimentais, com a mesma sinceridade com que choraria hoje, se me roubassem a carteira com todo o conteúdo de um mês.

Era um lírico, com todos os *matadores*, e, se bem me lembro, usava também a sombra sobrecasaca da Escola e o mole chapéu conquistador. Era pálido e lírico insustentável.

O meu lirismo tinha qualquer coisa de espontânea sinceridade de Casimiro de Abreu e do bucolismo agradável de Gonzaga. Foi na imitação destas duas boas Almas simples que eu moldei as minhas primeiras produções literárias, acrescentando-lhes, por conta própria, um cepticismo reles de filosofia collegial, que condizia admiravelmente com a minha palidez, com o meu chapéu conquistador e com as minhas insónias.

Por esse tempo o lirismo nacional agonizava envergonhado, diante dos parnasianos, que

a leitura dos ardorosos simbolistas franceses.

Antes de pois publiquei a minha primeira *plaquette* *Agonia*, que mereceu a honra de umas tantas decomposturas, solenemente passadas pela venerável crítica indígena. Crítico houve que a qualificou aterradora-mente de *dernier cri* do *nefelitismo*. Enguli calado o insulto, pelo alto respeito que dedico ao venerável sacrificio intellectual da crítica.

Entretanto, João, era um livro honesto, sentidamente trabalhado, sem *pose* e sem intenções preconcebidas de armar no céu.

A crítica, porém, condenou soberanamente a minha pobre *plaquette* e... esgotou-se a primeira edição.

Depois, a delicada compreensão artística de Lima Campos e a delicada espiritualidade de Gonzaga Duque abriram à minha modesta intelligência horizontes mais largos e mais claros e em me fui educando aos poucos e aos poucos conhecendo os mestres da Arte escrita.

Foi então que eu comecé a amar perdidamente a obra monumental de Flaubert, a compreender o fino estilo delicado dos Goncourts e a ler Maupassant e Gauthier.

Cuidei carinhosamente da Frase e da Forma e procurei para o meu Verso toda uma feição puramente pessoal.

Publiquei então as minhas "Rondas Noturnas".

A Crítica teve elogios para o meu livro. Apenas um crítico, de São Paulo conseguiu encontrar um verso errado no meu trabalho.

Mentalmente mandei-o à fava.

Eu, Lima Campos e Gonzaga Duque formávamos uma trindade solidamente unida pela mais ampla e a mais sincera das afeições.

Gonzaga Duque, pela superioridade do seu Espírito, pela sua erudição, pelo seu alto cultivo intellectual, reunira, em torno da sua doce figura sentimental, todos os rapazes de mé-

tismo de Gauthier.

E dos nossos?

Tenho um divotado culto, pelos sonetos magistrais de Luiz Delino, o das "Naus" e da "Madalena aos pés da Cruz", e tanto admiro o Verso quente e meridional de Olavo Bilac, como a impressão catedralica de Emilio de Menezes. E por que não dizer também que me delicio com a arte estranha de Cruz e Souza, do "Satan", do "Acrobata da Dor" e de "Meu Filho", e que nutro uma delicada afeição pela meiga simplicidade consoladora de Cesário Verde e Macedo Papança?

Respondo agora ao teu segundo quesito.

Para desespero dos amadores da literatura de peso, em brochuras de quilo, todo o meu trabalho literário, até hoje aparecido, está enfiado em duas *plaquettes* esgaigas, excellentemente impressas: *Agonia* e *Rondas Nocturnas*.

A primeira, meu livro de estreia, sofreu, coladinha, todos os maus tratos da veneranda Crítica indígena; disseram-lhe nomes feios, chamaram-na de *produto poético do preconceito escolar*, e até, João, chegaram a arrumar-lhe em cima o peso vigoroso de insultos em francês. Um horror...

Lembro-me ainda de que o egregio sr. Antônio Salles, no seu bellissimo estilo *pompadour*, deu-lhe p'ra baixo de rijo, em meio palmo de excelente prosa gramatical, pelas colunas de honra de um diário de efêmera duração.

Desesperei, João, porque contava bastante com a autorizada opinião de s. excel. para a minha consagração de poeta novo.

Infelidades da vida, que queres?

Outros criticos veneráveis perderam-se num estranho labirinto de considerações e rebuscamentos, e lá fui eu levado, aos trambolhões, das asas de Icaro aos quadros de Pavis de Chavanes, por todo o longo espaço de um substancioso rodapé do sr. Araripe Junior, onde se exclamava a respeito do simbolismo: "De onde promem o

da minha terra, em livre o largo e lisonjeiro aplauso da espiitualidade moça da minha época, magnificamente representada por Paulo Barreto, Gonzaga Duque, Félix Pacheco, Felix Luso e tantos e tantos outros.

E del-me po: satisfeito.

A minha segunda *plaquette*, *Rondas Nocturnas*, teve elogios da Crítica, e o eminente sr. José Veríssimo chegou a dizer: que o simbolismo havia trazido aproveitamentos reais para a expressão da nossa sentimentalidade. Exultei...

Este é, por enquanto, o meu livro bem amado, mais delicadamente feito, ainda mais trabalhado e mais perfeito.

Orgulho-me de o ter publicado e sinto-me, deliciosamente, num destaque proeminente, toda a minha individualidade literária.

De todos os meus sonetos o que eu mais amo, o que mais me orgulha, é a "Sombra", e não posso deixar de destacar também essa trilogia da "Fé, Esperança e Caridade", e a "Insônia".

José Veríssimo deu as honras de uma citação ao "Sonho" e Medeiros e Albuquerque ao "Mar".

Na composição deste meu pequeno livro gastei um ano, o que prova, João, o cuidado e o carinho com que tratei de fazê-lo...

Não cito versos, porque, como bom pai, adoro todos eles.

Para mais preparo o meu terceiro livro, todo um poema intimo de melancolia e sentimento: é a história da minha vida solitária de hoje, inspirada na delicadeza de um convívio doemente sentimental das Arvores e do Mar, do Amor e meus Filhos.

Dei-lhe o nome simples de "Histórias do meu Casal" e val ser, espero, o meu melhor livro...

A tua terceira Interrogação tem ares de tese a desenvolver. É profunda. Não me animo a respondê-la; como já disse lá acima, demanda erudição e uma série de aptidões filosófi-

atualidade literária. Estamos a espera que a Ideia Nova nos chegue pelos próximos transatlânticos franceses.

Não há lutas, João, nem "literaturas rivais que se engalanhem".

Com a morte de Cruz e Souza, o simbolismo enfraqueceu consideravelmente. Os líricos desapareceram... do mundo, e se por aí ainda algum existe, dorme comodamente na doce paz de um emprego público, sonhando apenas com o regalo das aposentadorias.

Dominam, portanto, ainda, com toda a sua glória, os parnasianos.

Felizmente ainda não nos veio assombrar essa exquísita espécie de literatura de que falas (romance social, poesia de ação).

Deve ser detestável.

Tocmos de leve no quarto quesito. Não conheço as literaturas estaduais, como não creio na sua influencia para a formação de escolas especiais. Em todo o caso, como estamos num regime federativo...

Ultimo quesito: João, a imprensa, no Brasil, é um péssimo fator para a arte literária, principalmente depois do desaparecimento dos dois únicos jornalistas brasileiros para quem o jornal não era simplesmente uma indústria — Ferreira de Araujo e este amado morto de ontem — José do Patrocínio.

Só a crítica, mas a crítica dos considerados, encontra a compensação de um agasalho na nossa imprensa diária.

O jornal de hoje tem o seu preciso espaço dignificadamente ocupado pelo comércio, pela politica e pela industria, e não pode cuidar dessa estranha coisa inútil e massadora que é a Arte literária. Não é, João?

— Do teu, Mário Pederneras.

Vê-se que o sr. Mário Pederneras, além de ser dos mais justamente admirados, admira-se também com a convicção e a certeza dos verdadeiros artistas.

(Capítulo de O Momento Literário).

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A Alphonsus de Guimaraens Filho, poeta

O combate da luz
contra os monstros da sombra:
assim tua poesia
é alvorada e angústia.

Pousa a morte nos ramos
do tronco apendado.
Mas da seiva rebotam
novos, florentes cânticos.

Não pode o céu noturno
desfazer os berilos,
os íntimos dramantes
do verso teu ao mundo,

inefável presente
não de matéria vã:
do que melhor define
o fluido sentimento,

o lancinante ausente,
a sublimada essência
do amor, cativo eterno.
- teu lirismo seprofeta.

Pois pelo amor resgatou
o pensamento lígubro,
a dor de antigas fontes,
as proibidas paragens,

e na era absurda crias
a lição pareva
da sanidade dos anjos
na chama da poesia.

Carlos Drummond de Andrade

3. VI. 1978

A VISITA

1919. 10 de julho.

Palmas. A porta aberta não responde.

O de casa ! Mais palmas. Vem a menina,
manda entrar. O corredor abre à esquerda,
na tristura de cinza do escritório
baixo.

Lá dentro o homem soninho,

50 anos por fazer, mas feitos plenamente
no rosto grave: - O senhor deseja ?

- Vim conhecer o Príncipe, vim saudar o Príncipe
dos Postas das Alterosas Montanhas !

O homem sorri: - O senhor está equivocado
ou está caçando.

Sou há 13 anos, há 13 mil anos eternamente
juiz municipal em míseros sertões.

Em todo caso, sente-se. Conversar é bom
em minha solidão

que escorre a contemplar o deserto das cidades mortas.

O alto visitante jovem inclina-se, compenetrado:

- O Príncipe não é príncipe, eu sei,
para o distraído, fosfórico descaso
dos donos da literatura e da vida.

Mas é bem mais do que isso, para cada um de nós poucos
obcecados

pelo enigma do poema no cristal da linguagem.

O homem volta a sorrir, em meio perdão

às fanfarras do recém-vindo: - Engaçado, o senhor
ao entrar aqui (desculpe)

foi como se uma grande ave imprevista irrompesse pela janela
deste perdieiro um tanto medieval...

→ Acha ? riu com dentes múltiplos o moço de 25 anos
quase, tão gesticulante

na alegria de sua curiosidade: vinha de longa,
 em baldeados trens de ferro e fagulha,
 para conhecer o estranho poeta
 encravado na estranha, estranha paragem desolada.
 Então sou The Raven
 a stately Raven of the saintly days of yore,
 não in the bleak December, mas neste friim matinal de julho ?
 Muito obrigado pela alta comperação !
 Aliás, que vejo em sua mesa ?
 Esse negro tinteiro
 que a cabeça de um corvo representa,
 junto à medalha da Virgem Dolorosa...
 É, também sou de algum modo o Corvo, tenho-o de cor,
 pousado no crâneo esculpido da memória... Quer ver ?
 Once upon a midnigth dreary, while I pondered weak and weary...

- Estou vendo que o amigo (assim o chamo, assim o quero)
 sabe mesmo as 18 estrofes da desesperança e treva,
 como deve saber tantas outras coisas
 no domínio nevocento do sonho acordado.
 De onde vem, se quer dizer-me ?

Paulo
 Venho de uma Londres das neblinas finas,
 venho agorinha mesmo do hibernial friul...
 - Ah, São Paulo ! As minhas saudades...
 Amigos que já se despediram...
 A Faculdade, a Vila Kirial, o Vecchio Leone di Crepara
 onde à noite, pobres estudantes, artistas pobres,
 sorvíamos lendas no ouro claro da cerveja...
 São Paulo ! O senhor vem da minha mocidade, sabe ?
 É poeta, sem dúvida.

- Poeta ?
 Me chame de pianeiro, me chame de doutor em piano,
 de professor de piano, qualquer coisa serve.
 Sou um tupi tangendo um Bechstein,
 mas pode-se ver em mim até um doutor em ciências filosóficas,
 o que não prova nada
 quanto ao meu ser interior, não lhe parece ?

(Menti para ele, meu Deus ! E a minha Gota de Sangue em Cada Poema ?)

- Compreendo. Música é a sua forma de poesia.
 - Talvez. Não me fale de mim. Fale do senhor.
 Sinto que preciso muito de falar.
 Há um celer-entraliçado nestes ares
 que só deixam fugir... o silêncio !
 Blocos gelados de insuportável silêncio,
 e o senhor o suporta !
 É deprimente. É trágico.
 Sua mudez chega apenas a revistas. E tão leve !
 Pequenas revistas, de pequeninos
 tipos, desfelecidas páginas
 que algum devoto lê - mais nada - e são logo atiradas
 à perpétua insciência das conformidades !
 Como eu gostaria de, como eu gritaria, possente,
 o vosso nome
 nas tabuletas dos bulevares, nas murmurilhas surdas dos alcazares !
 (Oh ! minhas alucinações !...)
 Vamos, solte seus magníficos guardados.

O homem idoso
 sorri, tímido (ou descrente de tudo):
 - O senhor se acalme, aceita um copo d'água ?
 Vou atender ao que me pede, tenho umas coisas espalhadas
 entre pilhas de autos, livros, gatafunhos.
 E, o João Bertinho ou o Chico Tetéis deve ter mexido por aí,
 com sentido de achar fumo goiano.
 Vai, o que se procura não se encontra.
 O senhor é de encontrar papéis ? Eles se encaixam sei lá onde.
 Pronto, achei. Leia, se não for incômodo.

- Se não for incômodo ?
 Posso ler em voz alta, para o meu prazer ?
Vaga em redor de ti uma fulgência
que tanto é sombra quanto mais fulgura...

Lindesa !

Tens um lis de ternura, que desliza

À flor da pele em mágoa suavizante...

Ah, o senhor diz o indizível !
Me dê depressa uma cópia, ou antes: eu copio.

- E eu assino. Obrigado. Mas não exagere no entusiasmo.
Faço versos, e daí ?
- Vou ler mais. Mais. Minha voz
se altera, extasiada.
É meu modo de ser. Deixo-me possuir
pelo perfume de flores que há em certos poemas.
Rosas, lírios, violetas, saudades,
neste jardim esquecido no meio do Brasil !

De noite, quando o luar cintila nas montanhas...

... pelos invios sertões do eterno sonho...

Notou ? Agora minha voz é timbrada, leve, silenciosa,
mas de um silêncio de religião.
O mistério a penetra. Os versos me invadiram.
Tem outros, tem muitos outros que eu não conheço ?

- Tantos. Tenho mesmo em francês,
nossa língua segunda, o senhor bem sabe.
Costumo, vez por outra,
oficiar no mosteiro de Verlaine...
Parbleu ! Je ne suis pas un homme détraqué
mais mon cerveau est souvent rempli de bouts rimés
d'une fausse poésie...
Pode lê-los também.

- Tu te souviens des jours anciens de ta jeunesse
quand fleurissait ton âme impérieusement ...

É, a doçura verlainiana
perpassa nos seus alexandrinos.
Mas eu queria outros versos, puramente
saídos deste escritório abaixo do nível da rua
e tão alto ! que nas estrelas se redoura...

- Leia estes, então. Não tenho pressa.
Não há pressa nos ermos.

O moço lê. O homem escuta, mão no rosto.
Escuta longamente, surpreendido.

Que lhe diz essa voz, que ele não saiba ?
 Que novidade traz, e repeti-lo ?
 Não distingue, escutando, os próprios versos.
 Os versos se desprendem de seu dono,
 existem fora dele.
 Que poeta é esse, do luar dos adivinhos,
 dos cinamomos, da avena-soluçante,
 de enlouquecida Ismália, quem é este ?
 Quem varou a pobreza do escritório
 para penetrá-lo
 da cintilação de místicos altares ?
 Tudo se transfigurou em seu redor
 e dentro dele. Como se não houvesse
 o moço a revelar versos alheios,
 mas o próprio verso, em si, a revelar-se.
 É triste, e dói, e sangra, e rejubila,
 e faz subir aos olhos invisível
 orvalho represado. Ah, por tantos anos
 esses versos dormiram no seu peito,
 na gaveta, entre contas de armazém,
 envelopes, isqueiro, canivete !
 E de repente, luz. A luz envolve-os todos.
 O som dorido, o som guaiente, o som de harpa sagrada
 e violino trêmulo, deseta-se.
 Nunca ninguém os disse assim, com esse metal
 de sentimento modulado.
 O poeta VE sua poesia. Vê, fisicamente vista,
 ente real, sonoro, musical,
 habitante de brancos universos,
 corpo quebra, muito mais que corpo,
 visão,
 sol meio-dia, concentrando
 todos os crepúsculos
 e a opala da noite em estilhaços.

Detem-se o moço, mas por muito tempo
 é como se a voz continuasse.

Continuasse.

Regressam os dois, da claridade.
Agora, nas cadeiras de palhinha,
um se despede, outro quer detê-lo.

- Fique mais um pouco.
Eu sei que viajantes
têm fneia de viajar .
É a viagem que os dirige, não o desejo
de parar aqui, ali. Mas fique mais um pouco.

- Impossível.
Tenho de fazer outra visita,
conhecer outro homem.
Tenho sede de conhecer o sinal
dos homens raros.

- Compreendo. Esta visita
nunca mais se repete. Está perfeita.
Amanhã o senhor já não será
o mesmo que foi esta manhã.
A vida o espera, entre ruas desvairadas
e um grande destino. Grande, o senhor ri ?
Não falo em pompas, ouropéis,
mas em certo sentido de beleza
e humanidade.
Agradeço-lhe, amigo,
de todo o coração de um velho poeta
amortalhado vivo neste exílio
onde mais triste ainda é a triste vida humana.

- Agradece ? Mas sou eu que me rendo, cativo,
porque me deixou dar-lhe esta hora de grave alegria.
Sua alegria resaca em mim, bronze e órgão,
e me fez cantar: Vida, vida,
vida apertada, vida conhecida !
Terminou a visita.
Adéus !

- Adéus. E que Deus o acompanhe.

7

Lava-o à porta. A rua tão vazia
toda se enche com os passos do viajante
alto, entre sobrados, desaparecendo
qual se fora, em contraste, a ave antiga.

Volta o homem ao escritório.
10 de julho. 1919.
Volta a vida ao normal.
1919. 10 de julho.
Voltam versos à gaveta.
Julho 10, de 19.
No escritório fica a memória
que nunca se diluirá.
10, de 19.
Não fica nas paredes ou nos livros
nem fica nos papéis hoje dispersos.
Não fica na folhinha de Mariene.
Fica no ar, quem não a sente ?
Dois anos depois, dia por dia,
e alma do poeta
é uma cruz enterrada no céu .
Em 10 de julho, dia da Visita.

Carlos Drummond de Andrade

Pela própria natureza deste poema,
o autor permitiu-se integrar nele
alguns versos e fragmentos de ver-
sos de Alphonsus de Guimaraens e de
Mário de Andrade, não citados ex-
pressamente. O leitor familiarizado
com a obra desses poetas identifica-
rá sem esforço os textos incorpora-
dos.

4

à flor da pele em máxas suavizante...

Ah, o senhor diz o indisível !

Me dá depressa uma cópia, ou antes: eu mesmo copio.

- E eu assino. Obrigado. Mas não exagere.

Faço versos, e daí ?

- Vou ler mais. Meis. Minha voz

se altera, extasiada.

É meu modo de ser: deixo-me possuir
pelo perfume de flores que há em certos poemas.

Rosas, lírios, violetas, saudades,
neste jardim esquecido no meio do Brasil !

De noite, quando o luar cintila nas montanhas...

... pelos ínvios sertões do eterno sonho...

Notou ? Agora minha voz é timbrada, leve, silenciosa
mas de um silêncio de religião.

O mistério a penetra. Os versos me invadiram.

Tem outros, tem muitos outros que eu não conheço ?

- Tantos. Tenho mesmo em francês,
nossa língua segunda, o senhor bem sabe.

Costumo, vez por outra,
oficiar no mosteiro de Verlaine...

Parbleu ! Je ne suis un homme détraqué
mais mon cerveau est souvent rempli de bouts rimés
d'une fausse poésie...

- Ch, a doçura de Verlaine
perpassa nesses alexandrinos.

Mas eu queria outros, puramente
saídos deste escritório abaixo do nível da rua
e tão alto ! que nas estrelas se redoura...

- O senhor pode ler. Não tenho pressa.

Não há pressa nestes longes.

O moço lê. O homem escuta, mão no rosto.

Escuta longamente, surpreendido.

7

Leva-o à porta. A rua tão vazia
 toda se enche com o vulto do viajante
 alto, entre sobrados, desaparecendo
 quel se fora, em contraste, a ave antiga.

Volta o homem ao escritório.
 Devagar.
 10 de julho. 1919.
 Devagar, torna a vida ao cotidiano.
 Os versos, à gaveta melancólica.
 O tecido da aranha recompõe-se.
 E tudo igual? E tudo sem remédio?
 Em algum ponto, fica a memória
 que nunca se diluirá.

Não fica nas paredes ou nos móveis
 nem fica nos papéis e se apagam.
 Não fica na folhinha de Mariana.
 Fica no ar, quem não a sente?
 Dois anos depois, a alma do poeta
 será uma cruz enterrada no céu.
 Em novo e sempre julho, tempo da Visita.

Carlos Drummond de Andrade

No corpo deste poema, o autor utilizou
 versos, fragmentos de versos, expressões
 e informações encontráveis nos livros:
Obra Completa, de Alphonsus de Guimaraens;
Poesias Completas, de Mário de Andrade;
 e Itinerários, de Alphonsus de Guimaraens
 Filho.

CARTAS DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO
A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

14.12.1940 pg.1

CDA - CP 0801 - 1-2-31-

Belo Horizonte, 14-XII-40 R

Carlos Drummond de Andrade

Há dois ou três dias venho querendo agradecer-lhe o "Sentimento do mundo"... Palavra que fiquei até... envergonhado com a sua oferta. Vim, envergonhado, principalmente porque foi uma verdadeira escolha a sua, e nada me alegrou mais que me contesse a classe entre 150 felizardos... O seu livro tem sido muitíssimo falado por aqui. E também procurado nas livrarias. Para mim, ele trouxe me dêsses momentos raros de poesia, em que verdadeiramente sentimos o mundo. E há poemas que não esqueço ~~mais~~ ^{sei muito} mais.

Também devia agradecer-lhe o seu telegrama. Para isso, escreverei depois, com mais vagar. Em verdade, esta carta de hoje tem um fim... digamos triste, mas que fazer? Venho pedir-lhe, Carlos, que converse

2

com o ministro Capanema sobre a minha nomeação para o cargo de fiscal federal do ensino junto ao Colégio Santa Maria, de Belo Horizonte, cargo que se tornou vago, agora, com a morte de Camilo Prates. O ministro me conhece da minha formatura, este ano, na qual estive presente. Se houver possibilidades, Carlos, tudo espero de você, sobretudo porque conhece bem a minha situação de filho do grande Aephus, poeta grande demais para deixar "bens da terra..." Depois de formado, estou fazendo força para permanecer por aqui, para não ser atraído como meu pai, ao interior, e por lá ficar esquecido. Será um favor ~~esse~~ enorme que me ficarei levando para a vida toda. Fico, portanto, esperando

do uma resposta sua. Sei bem
o que é isso, mas garan-
to-lhe que não voltarei a
importuná-lo tão cedo...

Com um abraço de ami-
zade, aqui fico o

Septimius de Guimarães Vitor

N.B. - De qualquer maneira,
preciso adverti-lo de uma
coisa: meu verdadeiro nome é
AFFONSO HENRIQUES DE
GUIMARAES e só com ele
poderei ser nomeado.

Affonso

Rua Tomé de
Souza, 56

21.09.1941 pg.1

Belo Horizonte, 21.9.41

Carles:

Sua carta me trouxe muita alegria. Na verdade pronunciei um discursinho sôbre você e o Corção: coisa sem qualquer importância. A Faculdade Católica de Filosofia (tendo sido anunciada a sua vinda) resolveu homenageá-lo, e ao Corção. Pediram-me as alunas que os saudasse. Escrevi as palavras e, quando soube que você não pudera vir, não recuei: considerei-o presente ao "cocktail" e li na íntegra o trabalho. Publicando-o depois em "O Diário", (onde escreve obrigatoriamente às quintas-feiras), pensei em enviar-lhe um recorte. Mas talvez porque estivesse sinceramente decepcionado com a coisa impressa - pois, lida, até eu cheguei a julgá-la menos má- preferi não fazê-lo. Melhor ainda: o seu agradecimento espontâneo foi uma excelente surpresa para mim. Agora, segue o recorte, com a advertência de que o autor do trabalho sabe avaliar bem o quanto vale...

Estou fazendo uma crônica diária - chama-se "O Dia Literário"- na Rádio Inconfidência. Eu mesmo a leio. É incluída na edição do "Grande Jornal Inconfidência", às 22,30 horas. Às quintas-feiras, apresento uma antologia poética. A da última semana lhe foi dedicada. Fiz umas breves considerações sôbre o poeta e li dois poemas, "Sentimental" e "O arco".

Obrigado pelo que me diz do "Cântico". Ele faz parte do livro "O Irmão", que a AGIR deverá lançar ainda êste ano. Veja o que é erro tipográfico: êsse poema me desgostou grandemente tal como saiu em "Letras e Artes". O segundo verso, então, foi estropeado, porque trocaram um "ao" por "no". Deve-se ler, portanto: ~~Que ao ingênuo~~ "Que ao ingênuo sonho o ingênuo movimento". Outros erros houve, mas de menor monta e daqueles que o leitor inteligente, etc, etc, como se lê em determinadas erratas...

Agora, um assunto importantíssimo: a edição das "Poesias" de meu pai. De acôrdo com carta que me escreveu o Manuel, você e êle me ajudarão na revisão, sendo eu o editor literário. Pus mãos à obra, e deliberei, depois de muito meditar, incluir 24 poemas no texto. Em notas acrescentadas, ~~na primeira parte~~ em número de 30. não só comentei êsses poemas como incluí outros e mesmo algu-

pg.2

tas por Alphonsus. Não aproveitei, porém, os poemas de "Salmos da Noite", por considerar definitivo o julgamento do poeta, que positivamente os relegara para livro, não só como me disse várias vezes o João como chegou a escrever ~~me~~ ao Múcio Leão quando da organização dos dois números de "Autores e Livros" dedicados ~~apresentados~~ a Alphonsus. Você não acha que agi bem? Para que aumentar assim a obra ~~de~~ do poeta, quando podemos manter o critério qualitativo? É essa, aliás, a opinião de Bandeira, como de Meyer. Fiz uma nota especial para o Simões dos Reis e nela incluí os dois sonetos que êle descobriu em velhos jornais paulistas. Se puder, irei êste ano ao Rio, para que discutamos todos juntos o ~~problema~~ assunto. Até agora, a solução melhor me pareceu essa. Mas ainda outro dia o Aurélio Buarque de Holanda me pôs em dúvida quando ~~me~~ me revelou ser sua opinião que se deve incluir tudo o que deixou Alphonsus, inclusive "Pauvre Myre" e mesmo as páginas em prosa. Poder-se-ia argumentar, de fato, com as edições de um Baudelaire (a da "La Pléiade", que eu tenho, encerra até poemas atribuídos ao poeta), de um Verlaine, de tantos outros... Você compreende a minha ~~posição~~ ^{posição}: é das mais difíceis. Sendo também poeta, minha responsabilidade cresce. E o que ~~me~~ ^{eu desejo} é apenas a glória do velho Alphonsus. Diga-me o que pensa a respeito.

A "afinidade espiritual" a que você se refere em sua carta foi outro motivo de alegria. ~~Muito~~ Muito grato por tudo.

O melhor abraço do

Alphonsus Filles

Mudaram o nome da minha rua para Francisco Deslandes. Meu "novo" endereço é, pois: Rua Francisco Deslandes, 41.

Gostei muito do seu artigo sobre o aproveitamento da burocracia na obra do João. Excelente, como aliás tudo que você faz.

07.06.1948

pg.1

Belo Horizonte, 7.VI.48

Cap. 23

Carlo:

Eu e Hymirene agradecemos muito os votos ao Luís Alphoncius.

Quanto à reedição das poesias do papai, vou informá-lo do que existe até o momento. Em 1945 quando estive no Rio, conversei com o dr. Alceu sobre a possibilidade de uma edição pela Agir. Combinamos tudo. Logo que voltei, pus mãos à obra. Providenciei para que se dactilografassem as Poesias (edição do Ministério), acrescentando-lhe alguns poemas: três ou quatro canções a Pastoral e um soneto à Escada de Jacó. Isso por se tratar de versos que estavam muito bem nos seus livros e que só foram encontrados, por mim ou pelo João, depois de 38. Anexei uma parte das Outras Poesias, em que enfeixei os versos da mais extrema mocidade de Alphoncius - como os de "Salmo da Noite" - e outros que ficaram inéditos porque o Poeta não os julgou definitivos. Mas poemas que - uns e outros - auxiliam grandemente para que se fixem os diversos estágios da evolução de sua poesia, desde os primeiros, que lembram os de Kyriale, até os últimos, aparentados com os da Pastoral, Escada de Jacó e Pulvis. Anotei-os o mais possível com os elementos que pode reunir. Contudo, a Agir entrou em fase de dificuldades e, embora o dr. Alceu me recomendasse a reedição dos originais, preferi não fazê-lo. E vi que estava com a razão. O próprio dr. Alceu me advertia de que o livro não seria editado logo, mas que ao menos se fazia uma revisão nos originais antes de encaminhá-los às oficinas. Não tardou muito e a Agir de volta livros para cuja publicação ficava em tratos com os autores, conferindo não poder cumprir - no prazo estabelecido. (Foi o que sucedeu comigo e outros, aqui em Belo Horizonte). Não se falou mais na reedição.

Ainda houve outra tentativa, no mesmo ano: de Zélio Valverde, para a coleção popular "Grandes Poetas do Brasil". Mas o que oferecia à família - 2.000 cruzeiros - nos irrisório,

pg.2

aconsehou francamente a recusar. Tudo estava aliás, no domínio das hipóteses... mas não quei a me entender com Elio Valverde mas com o Chico Barbosa que, como representante dele, julgou razoáveis os argumentos e não insistiu.

Procurei, na ocasião, o Afonso Peixoto, a quem sugeri a inclusão das poesias de papai na coleção "Livros do Brasil" que dirige para a Companhia Editora Nacional. Mostrou-se interessado e ficou de sondar a opinião da editora. Mas conservou-se silencioso.

Eis aí o que realmente existe, ou existiu. Quem sabe, Carlos, (se não for grande incômodo) poderia você indagar de algum editor do Rio - do José Olímpio, por exemplo - se lhe interessa a publicação? Estou a par da situação difícil dos editores, mas mesmo assim, deve-se atentar para o fato de que há grande procura das poesias de Alceu e de que a edição do Ministério já se tornou em variedade. Caso alguém se interesse, meu trabalho está propriamente concluído, exigindo apenas uma revisão severa. Grato pelo seu interesse, abraça-o afetuosamente.

Alceu Filho

O nosso Calacans de Panorama, anda com certas editoriais... Este ano, ao que parece, lançará alguns livros mineiros. Lembrei-me agora do que ele me falou, há dias, da possibilidade de eu entrar em entendimentos com a família de Alphonse para, se tiver êxito na empresa, reditar o Poeta no próximo ano. Acredito, porém, que se ~~essa~~ a editora, ou ~~essa~~ outra grande editora, fizer uma proposta, não devemos perder a oportunidade. Tenho, ~~essa~~ poucas esperanças quanto a isso. Mas, mesmo assim, se você julgar conveniente, poderá ~~indagar~~ Se não julgar, arquive esta carta e receba outro abraço deste seu filho e admirador. Diga-me o que pensa a respeito.

A. G. F.

30.03.1950
pg.1

CDI - CP - 0801

Belo Horizonte, 30.3.50

R 13. IV. 50

Carlos:

Voltando de Guarapari, Espírito Santo, encontrei a sua carta. Poucos dias depois tive a alegria de ler a sua nota crítica no "Inimigo". Você sabe bem o alto conceito que faço (que fazemos todos) de sua opinião, sempre tão equilibrada, sincera e justa. Não será preciso, pois, repetir que a sua nota, antes, o seu artigo, me deixou perturbado e até - porque não dizer? - envergonhado. Creio que para um poeta não há motivo de maior júbilo e desvanecimento que receber crítica tão carinhosa a qual, por vir de quem é, representa o melhor e mais ambicionado prêmio às canseiras da arte. Muito e muito obrigado, meu caro Carlos. Tão satisfeito fiquei que desejaria ver esse artigo reproduzido, com a sua assinatura. Pode ser importuna tal desejo, mas, já que me ocorreu, aqui o consigno. Penso que você o publicará em outros jornais; caso o faça, quero a sua autorização para transcrevê-lo mais tarde em "O Diário". Você o confiará ao E.S.V.?

Vejo que também ~~me~~ nada sabe sobre a redigção das poesias de meu pai. É o metacólico. Tudo quanto sei é que fiz a entrega dos originais. Depois disso, li em Letras e Artes uma nota indelicada.

pg.2

a próxima consolidação de todas as pre-
vidências, com a apresentação do meu pro-
jeto no Calvária, etc. Gosto muito (foi
o que deduzi da nossa conversa com o
Meyer) que a reedição não dependa do
se projeto e sim da verba já fixada
para este ano. Assim, penso que teremos
as Poesias. Se pudor, converse com o Meyer
a respeito e me esclareça. Aqui de longe,
tudo me parece mais difícil, senão im-
possível. Quanto ao monumento e à res-
tauração do túmulo, ~~me~~ prefiro silenciar.
Não é de hoje que se fala muito mais
volte para o ~~estudo~~ poeta: houve
vários movimentos nesse sentido, todos
muito esperançosos e afinal inúteis.
Queira Deus que a reconhecida boa
vontade do Jorge Lacerda consiga o mi-
lagre...

Estou ansioso pelo volume de tra-
duções que você nos dará. Será para
este ano? As que começo - umas pou-
cas divulgadas no Correio da Manhã -
fazem antever o que não será o livro
todo. Por certo teremos obra tão im-
portante como os Poesias Traduzidas de
Bandeira.

Mais uma vez, Carlos, o meu respo-

pg.3

recomendações da con
sorte e dos rebentos para você
e senhora.

Um grande abraço do seu

Alfonso Filii

07.02.1970

pg.1

CDA - CP - 0801

- 62-63-64 - 1

Barral, 7.2.70

Heu car Carlos:

Qui eu em breves contos. Impressionante e seu tra-
balho de pesquisa. O que já não lhe deu, em interesse
e ternura, a memória de papai! Muito e muito obrigado.

A assinatura de J. Jones nos versos publicados
em "A Vida de Minas" me deixava em dúvida, mas me
inclino, até sei se era você, a julgar ^{isto} que eles ^{sejam} não ^{eram}
do poeta. Para tanto, apóio-me no fato de Alphonse
ter assinado alguns versos com Josélin Jones, mas
isto, ao que eu saiba, apenas em "O Alfinete", de
Mariano. Era um modo de piadinha com os compa-
rteiros ou amigos humildes que você adota em seus
diálogos em crônica excelente, jamais esqueceriam tais
versos; daí nascia o humorismo que se vislumbra até
mesmo na circunstância, também apontada por você,
de assinar o poeta versos sérios com nomes de pessoas
incapazes de compô-los, especialmente de Joaquim A-
raújo. A este altura, fica difícil saber se caso
J. Jones seria o Josélin, ou não mesmo? O certo é que
o poeta não utilizou nem um dos nomes dos amigos
de Barral nos versos, humorísticos ou não, que publi-
cou fora dali. A melhor prova está em você ter
encontrado também em "A Vida de Minas" versos em
a assinatura de Juy, pseudônimo da sua preferência.
O diabo é que há a ter do humorismo, como você
tá bem assinalou, nos versos assinados por J. Jones,

CDA-CP-0801

- 62 -

pg.2

2

deixei de aproximar-me com Jocelino Jones... Creio que o
melhor é mencionar o acerto em nota, levantando a
suposição, sem afirmar-lo, de que os versos, ao que
tudo faz crer, talvez sejam de Alphonse. Ou tal
a acharem?

Já os versos de Guy são mesmo de gosto.
Sem qualquer dúvida. Excitantes achados os seus. Os
versos iniciados em "Oh exalted Paulo Verlaine", po-
dem ser aproveitados entre as trovas que constam do
livro, não? Ou vão acha que devo mantê-las em
nota? "Recuerdos" já está na edição. É a trova "Nunca
a lua é no estiano", que vai sem assinatura,
já está na edição Aquilino também. Só que lá figura
"Ninho" em lugar de "Nina"? Creio que também em
nota é que devo colocar os versos assinados por
L. Whisk, fazendo a devida aproximação com Whis-
ky, da ed. Aquilino. Em suma, na hora ~~de~~ ^{de} meter
mãos à obra, deixo. Desde agora o que me cabe
é lhe agradecer a pesquisa exaustiva, mais um gesto
seu que me tocou profundamente. É dizer-lhe que
meu propósito é acrescentar algumas trovas assinadas,
por fim ao texto e deixar as demais em nota em
que me valerei de suas ótimas observações, e das
variantes que recolheu, estas no lugar adequado a cada uma.

Conversei ^{pelo telefone} com o Afonso Ribeiro, me dêi-pem da
minha partiz. Ele me informou que o Conselho
já aprovou a sugestão feita da 2.ª edição, e me a-

CDA-ep-0804

- 63 -

